



## Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

### **ANTERO E O "INTEGRALISMO". INTERPRETAÇÃO E IDEOLOGIA.**

TORGAL, Luís Reis

Ano: 1992 | Número: 102

---

#### **Como citar este documento:**

TORGAL, Luís Reis, Antero e o "Integralismo". Interpretação e ideologia. *Revista de Guimarães*, 102 Jan.-Dez. 1992, p. 119-141

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



**casadesarmiento**

centro de estudos do património

## Antero e o "integralismo" Interpretação e ideologia

Luís Reis Torgal

Revista de Guimarães, n.º 102, 1992, pp. 119-141

1. Antero "mestre da Contra-Revolução"... Que nos perdoe Antero de Quental — um dos teóricos do Socialismo da geração de 70 — por começarmos com este texto uma conferência proferida neste ciclo de palestras promovido pela Sociedade Martins Sarmiento, com o qual se procurou homenagear Antero de Quental, Alberto Sampaio e a sua geração. Não procurámos com ele ser sensacionalistas nem provocatórios — a não ser no sentido de "provocar" a reflexão sobre uma das leituras de Antero — mas apenas sugestivos.

A expressão "Antero mestre da Contra-Revolução" não é evidentemente nossa. Empregou-a literalmente o integralista Luís de Almeida Braga, quando em 1942, ano do centenário do seu nascimento, tomava uma posição crítica contra um grupo de republicanos do Porto, que apelidara então o seu recém-inaugurado centro de "Grupo republicano e recreativo Antero de Quental". O que pretendia provar é que Antero nunca fora republicano e, se defendera uma "revolução", tratava-se de uma "revolução moral". Como Proudhon — o socialista francês que influenciara Antero de Quental, a quem o integralista chama também "contra-revolucionário" — fora um "duro inimigo das ideias e dos sentimentos que deram alma e corpo à Revolução francesa".

Enfim, segundo Almeida Braga, quando "liberto dos encantamentos de Michelet", Antero salientou-se como um autêntico "contra-revolucionário" ou mesmo — conforme também diz — como "um descarado reaccionário".<sup>1</sup>

2. Mas este discurso, simples e simplisticamente polémico, de Luís de Almeida Braga tinha raízes mais profundas e foi servido por uma argumentação de maior espessura no seio da família integralista. O anti-individualismo e o antiparlamentarismo de Antero foram um facto indubitável, ainda que seja também indiscutível a diferença de perspectivas do pensamento do escritor em relação às ideologias tradicionalistas e contra-revolucionárias<sup>2</sup>. No entanto, aqueles aspectos do seu pensamento, bem como a riqueza moral e mística do poeta — sintetizada apaixonadamente no "Santo Antero", do texto do seu amigo Eça de Queirós para o *In Memoriam*<sup>3</sup> — desenquadrados da complexidade da sua personalidade e da sua obra, chegaram para que fosse apresentado como precursor da Contra-Revolução.

Foi esta, aliás, uma das estratégias mais importantes dos ideólogos integralistas. Para eles, os seus "mestres" não foram apenas os tradicionalistas anti-liberais do século XIX, tais como o Marquês de Penalva, José Agostinho de Macedo, José Acúrsio das Neves, Frei Fortunato de São Boaventura, José da Gama e Castro ou Ribeiro Saraiva. Também foram apresentados como seus mentores conhecidos liberais e até republicanos e socialistas. Para isso isolaram momentos conjunturais da sua consciência político-social ou aspectos pontuais do seu ideário. São exemplos disso alguns artigos e testemunhos dos primeiros números da *Nação Portuguesa*: "O 'liberalismo' de Alexandre Herculano", "O testamento de Garrett", "Pensamento político de Eça de Queirós", "Teófilo Braga mestre da Contra-Revolução"...<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Cfr. *Sob o pendão real*, Lisboa, Edições Gama, 1942, pp. 133-145.

<sup>2</sup> "O problema político em Antero de Quental. Um confronto com Oliveira Martins" in *Revista de História das Ideias*, vol. 3, pp. 341-520.

<sup>3</sup> *Antero de Quental. In Memoriam*, Porto, Mathieu Logan, 1896, pp. 481 ss.

<sup>4</sup> Vide *Nação Portuguesa*, n.ºs 1, 4, 10, 11, 12.

Mas, afinal de contas, a estratégia integralista não era também original, pois seguia de perto idêntico processo utilizado em França pelos neo-traditionalistas. Paul Bourget, que estudara o pessimismo, encontra em princípios proclamados por Balzac, Le Play ou Taine, os motivos do regresso às fontes religiosas e políticas da Contra-Revolução. Jacques Bainville apresenta Proudhon como defensor dos direitos pontifícios. Em Louis Dimier, que escreveu *Les maîtres de la Contre-Révolution*, os nomes de Proudhon e Balzac encontram-se entre os defensores da tradição.

Estes autores franceses são, de resto, invocados exemplarmente por António Sardinha, quando procura, também ele, apresentar Garrett e Herculano, Oliveira Martins e Ramalho Ortigão, e... Antero de Quental, como precursores da Contra-Revolução. O texto é de 1918, intitula-se, sintomaticamente, "O verdadeiro Antero" e foi publicado em 1924 na sua obra fundamental *Ao princípio era o Verbo*. Em livro póstumo, *Ao ritmo da ampulheta*, de 1925, surgia um outro texto complementar sobre o poeta, "A dor de Antero" <sup>5</sup>.

A tese fundamental de Sardinha é que Antero fora um intelectual torturado perante a crise do século. No entanto, o seu pessimismo não era para ele um fim mas um meio. A superação dessa crise era a sua grande finalidade. Mas não optava para a alcançar pelas crenças cientistas e demoliberais. Ao invés, fora um precursor do intuicionismo e aspirava antes a uma redenção idealista — "O ideal colectivo, desejado por Antero, era o ideal messiânico do seu ingénuo humanitarismo", escrevia Sardinha<sup>6</sup>. A sua "Revolução" era assim uma revolução moral, a libertação pela "santidade". Daí que a "Esperança" o acompanhasse ao longo de toda a sua vida e até na sua morte.

Antero era, pois, o homem convertido, que regressava ao Passado da sua existência. A famosa "Carta autobiográfica" a Wilhelm

---

<sup>5</sup> Consultámos *Ao princípio era o Verbo*, 2ª ed., Lisboa, Ed. Gama, 1940 (1ª ed. 1924), "O verdadeiro Antero", pp. 91-121, e *Ao ritmo da ampulheta. Crítica e doutrina* (Obra póstuma) Lisboa, Lumen, 1925, "A dor de Antero", pp. 187-205.

<sup>6</sup> *Ao princípio era o Verbo*, 2ª ed., p. 93.

Storck era invocada por Sardinha, como o será constante e invariavelmente por todos os "integralistas" — ali Antero confessava ter sido "arrancado do viver quase patriarcal de uma província remota e imersa no seu plácido sono histórico, por meio da irrespeitosa agitação intelectual de um centro, onde mais ou menos vinham repercutir-se as desencontradas correntes do espírito moderno"<sup>7</sup>. A falta de "d direcção" — segundo Sardinha — afastou Antero de Quental da tradição, mas a ela voltará em estado de desespero. Como Ramalho e Oliveira Martins, ele é também um "convertido".

Daí que, como Proudhon e como o fará Maurras, tenha defendido o *Syllabus*, de Pio IX, contra o liberalismo, se tenha batido por uma "democracia orgânica" contra a decomposição da sociedade em partidos, tenha optado por um socialismo de base comunitarista e sindicalista. Antiparlamentarista e anti-individualista, Antero não se preocupava com o problema de "regime", mas defendia sim uma "revolução nacional".

Claro que em Antero também houve "erros funestos", "estouvances da mocidade"<sup>8</sup> — aliás Sardinha, que fora também um "convertido", revia-se nessa experiência dramática do poeta — mas, acima de tudo e no fim de tudo, houve nele um desejo de os ultrapassar e de regressar à tradição. "Se de certo modo — escrevia Sardinha — Antero adivinha a renascença espiritualista que hoje encontra no regaço da Igreja a sua expressão consciente, também para o nosso nacionalismo apaixonado Antero, como político, representa uma lição que é preciso termos sempre presente"<sup>9</sup>. Antero era assim considerado, através deste processo interpretativo de assimilação e de transformação de "meias verdades", como um dos "camaradas mais velhos" do Integralismo. Na busca constante dos seus antepassados, que eram também considerados como símbolos do nacionalismo e da "universalidade portuguesa", os neo-traditionalistas acrescentavam à lista o nome de Antero de Quental. São de Sardinha estas palavras fundamentais: "Camões na Renascença, o Padre

---

<sup>7</sup> Cit. in *Ao princípio era o Verbo*, p. 97.

<sup>8</sup> Cfr. *ob. cit.*, pp. 94-95.

<sup>9</sup> *Idem*, pp. 108-109.

António Vieira em Seiscentos, José Agostinho de Macedo na agonia da sociedade antiga, são a representação universal do nosso génio na Epopeia, na Política e no Panfleto. Juntemos-lhe agora Antero na Filosofia."<sup>10</sup>

3. Esta leitura de Sardinha se talvez tenha antecedentes nas sugestões do tradicionalismo coimbrão do princípio do século, bem representado por Afonso Lopes Vieira<sup>11</sup>, tem com certeza uma significativa linha de desenvolvimento. Já falámos do caso de Almeida Braga, da família integralista, como poderíamos referir-nos a Fernando Campos, que em vários dos seus livros — um deles galardoado com o prémio de doutrina ou polémica "António Ennes" do Secretariado de Propaganda Nacional (S.P.N.) do Estado Novo — procurou as origens do pensamento contra-revolucionário, buscando-as não só naqueles que assumiram conscientemente os ideais tradicionalistas, mas também nos que, segundo a sua interpretação, através das suas "desilusões", da "ironia" das suas críticas, ou no arrependimento dos seus "testamentos", acabaram por manifestar, indirecta ou tardiamente, ideias tidas como "contra-revolucionárias".<sup>12</sup>

Mas outros grupos ideológicos vão manifestar idênticas concepções. É o caso do Nacional-Sindicalismo, que tem como exemplo representativo o seu chefe de fila, também ele oriundo do Integralismo Lusitano, Rolão Preto. Este "camisa azul" invocava exactamente o que chama o "eixo ideal Antero de Quental-António Sardinha". Perguntava ele (embora afirmando), num texto de 42, se nesse eixo "não se explicam, determinam e resolvem todas as aspirações desta progressiva evolução social contemporânea", que "veio encontrar na posição espiritual e revolucionária Nacional-Sindicalista o nítido fulcro e o seguro ponto de apoio da sua esperança,

---

<sup>10</sup> *Ao ritmo da ampulheta*, p. 195.

<sup>11</sup> *Gazeta Ilustrada*, 16.11.1901, "Carta aos estudantes de Coimbra". Vide também *Diário de Notícias*, 28.4.1920.

<sup>12</sup> Cfr. *No saguão do liberalismo*, Ed. Gama, 1944 (2ª ed.), "O testemunho de Antero", pp. 152-162.

do seu natural prolongamento histórico no nosso tempo?"<sup>13</sup> Eis, pois, agora, Antero de Quental entendido como precursor do Nacional-Sindicalismo, que, sensivelmente, é o mesmo que dizer da versão portuguesa do Fascismo.

4. Não foi, porém este tipo de posição a assumida por outro intelectual que, depois de passar pelo anarquismo e pelo republicanismo evolucionista, vogou nas águas integralistas e se deixou mesmo atrair pelas sugestões fascistas, Alfredo Pimenta.

Se em textos dos anos 20 se desfaz em elogios ao poeta, que considerou "maior do que Camões"<sup>14</sup>, já numa conferência proferida em Braga no ano de 1941, tempo relevante no quadro ideológico do Salazarismo, conferência essa em que reflecte o nacionalismo que tão fortemente afirmou, por vezes em atitudes radicalistas e polémicas, Pimenta renegou Antero por ele ter renegado a nacionalidade. Fazendo parte — segundo ele — de uma geração de "dissolventes da Sociedade portuguesa", não poderia servir de exemplo para os jovens que aspiravam a uma redenção social: "Não, senhores da geração nova! Não tomem como Guia e Modelo aquele que escreveu ser «duvidoso se haverá posteridade para este deplorável Portugalório de hoje»".<sup>15</sup>

5. Vimos até aqui o que pensou de Antero o Integralismo Lusitano e também as leituras, por vezes algo contraditórias, daqueles que, partindo desse movimento monárquico, o ultrapassaram. No entanto, não nos quisemos limitar neste breve ensaio a esta área

---

<sup>13</sup> *Para além da Guerra*, Ed. Gama, 1942, cap. II, "O eixo Antero-António Sardinha e o seu prolongamento histórico". Cfr. p. 36.

<sup>14</sup> *O livro de muitas e variadas coizas* escripto por Alfredo Pimenta, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1920, e *Sombras de Príncipes (Garrett e Herculano, Camilo, Anthero de Quental, João de Deos, Antonio Nobre, Cezario Verde)*, Lisboa-Rio de Janeiro, Portugalia Editora, 1920. cfr. este passo na p. 34.

<sup>15</sup> *Mestres do Pensamento*. Conferência realizada no Ateneu Comercial de Braga no dia 1 de Março de 1941. Braga, Ateneu Comercial de Braga, s.d., p. 22.

ideológica e cultural mais ou menos específica. Quando referimos, no título, que iríamos procurar analisar as leituras "integralistas" de Antero, na sequência de algumas sugestões já apresentadas pelo anterianista Fernando Catroga<sup>16</sup>, não demos ao termo um mero sentido específico. Utilizámo-lo sim — e sabemos que tal emprego é discutível — em sentido abrangente. Pensámos também no grupo dos católicos integristas, que, embora possuindo um pensamento autónomo, tiveram no princípio do século as suas ligações ou os seus pontos comuns de concepção com o Integralismo. E veio-nos à memória mesmo os próprios salazaristas, os apoiantes de uma "Revolução Nacional", cujo ideário tem uma radicação difusa, mas que, à partida, tem pontos de contacto com integralistas, nacionais-sindicalistas, católicos integristas, sem com isto pretendermos, pois, confundir estas diversas correntes ideológicas. Em todos os casos, ainda que com cambiantes e objectivos distintos, defende-se uma "ideia integralista", isto é, defendem-se as ideias de tradicionalismo, de corporativismo, de nacionalismo, de catolicismo... integrais, em oposição às correntes de "modernidade" e de "progresso" liberal e republicano — a *maladie du siècle*.

Tem, todavia, características próprias a inflexão interpretativa do catolicismo integrista. A questão que equaciona é se Antero de Quental, apesar das suas posições iconoclastas, foi católico — católico na sua moral e no fundo da sua consciência ou católico na qualidade de "convertido", ou mesmo como um homem que, vencido pela vida, através de uma morte anticristã, o suicídio, terá procurado a Verdade e repousado na "mão de Deus"? Ou se, ao invés, foi antes um "apóstata", que repudiou a sua educação tradicionalmente católica, levado pelos "males do século"?

Gonçalves Cerejeira, colega e amigo de Salazar na Universidade e, depois, Cardeal Patriarca, num capítulo de uma colectânea de textos escritos durante os seus tempos de Coimbra, deixou-nos breves considerações sobre Antero, o "genial Antero" (como lhe chama). A imagem que nos apresenta é a do "poeta-filosófico" que

---

<sup>16</sup> Cfr. F. Catroga, *art. cit.*, pp. 480 ss.

dramaticamente sentiu a "dor" e a "revolta do frio estiolante da dúvida" e que só "descansou" em Deus. Mas "só por um momento" — "a Ilusão voltou para no-lo roubar numa hora fatal, maldita, de desespero, à Pátria e às letras".<sup>17</sup> Ideia idêntica é emitida no polémico livro *A Igreja e o pensamento contemporâneo* (1924). Antero trouxe a Portugal, com a sua geração — de que faziam parte Eça, Ramalho, Junqueiro, Oliveira Martins, Teófilo, Camilo, Fialho de Almeida — o "estúpido século XIX" (Cerejeira recorria à famosa imagem de Léon Daudet). Utilizando, porém, a tese da "conversão" — ideia sempre presente no pensamento católico — Cerejeira procurou encontrar nestes "intelectuais orgulhosos" a marca do "arrependimento", ou, pelo menos, de uma tortura intelectual que aponta para os novos caminhos da "renascença cristã". Assim, diz expressamente de Antero: "acabou num acto de desespero — mas saudando a nova espiritualidade que pressentiu". A dramática procura da verdade só o poderia conduzir ao Cristianismo, de onde saíra: "Errando sempre, através de sistemas, a sua alma incrédula só podia, porém, repousar na mão de Deus..."<sup>18</sup>.

Interpretações do mesmo tipo surgiram em outros pensadores católicos, praticamente até ao presente. Trindade Salgueiro<sup>19</sup> e Moreira das Neves<sup>20</sup>, significativos pelo lugar que ocuparam na hierarquia da Igreja e mesmo por uma certa ligação que mantiveram com o regime de Salazar, podem ser citados como exemplo.

---

<sup>17</sup> *Vinte anos de Coimbra*, Ed. Gama, 1943, "Renascença Cristã", pp.23-24.

<sup>18</sup> *A Igreja e o pensamento contemporâneo*, Coimbra, Coimbra Editora, 1928 (2ª ed.), p. 275.

<sup>19</sup> *Um livro infeliz...*, Coimbra, Tip. Alves e Mourão, 1931, pp. 123 ss., especialmente nt. 2. Esta obra é uma resposta ao livro de Sílvio Lima, professor da Faculdade de Letras, de crítica a Cerejeira, *Notas críticas ao livro do Sr. Cardinal Gonçalves Cerejeira "A Igreja e o pensamento contemporâneo"*, Coimbra, Livraria Cunha, 1931. Vide sobretudo, neste caso, pp. 16-18. Sílvio Lima procurou provar que o pensamento de Antero, apesar da sua formação de base, não fora essencialmente católico.

<sup>20</sup> "Antero ou suicídio sob a âncora" in *O grupo dos Cinco*, Lisboa, Livr. Bertrand, 1945.

6. O Estado Novo manifestou, com efeito, grande interesse pela figura de Antero. Herdou do Integralismo — e em certa medida foi nisso também influenciado pelo Fascismo — essa estratégia de conciliação e de integração (possível) dos grandes intelectuais, mortos ou vivos, nas intenções culturais e ideológicas do regime.

Bastaria um exemplo significado para comprovar esta afirmação evidente. Pouco depois de ter sido fundado o Secretariado de Propaganda Nacional (S.P.N.), liderado por António Ferro, foram instituídos para o ano de 1933-34 os "Prémios Literários". Utilizando uma estratégia de assimilação já por nós referenciada, foram-lhe atribuídos — e a outros que depois foram criados — nomes de "figuras nacionais", algumas delas de "ortodoxia duvidosa", como Eça de Queirós, Antero de Quental, Ramalho Ortigão ou Fialho de Almeida. Aliás, em relação a Eça, Ferro proferiu um discurso interessantíssimo, em que procurou mostrar que ele não podia abusivamente ser considerado um escritor revolucionário, mas apenas como um grande homem das nossas letras.<sup>21</sup>

O prémio de poesia teve exactamente como patrono Antero de Quental. E, curiosamente, o seu regulamento estipulava que ele seria concedido, em duas categorias, ao "melhor livro de versos" e a "um poema ou poesia solta" em que "se revele uma inspiração bem portuguesa e mesmo, de preferência, um alto sentido de exaltação nacionalista"<sup>22</sup>. Antero aparecia, assim, a patrocinar um prémio de poesia preferencialmente de vocação nacionalista.

Mas não era só através dos prémios do S.P.N. que se "reproduzia" o nome da grande "figura nacional" que era Antero de Quental. As próprias edições desse órgão, depois de 1944 chamado Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo (S.N.I.), divulgaram a poesia e a prosa escolhidas e estudos sobre a

---

<sup>21</sup> *Eça de Queirós e o centenário do seu nascimento*, Lisboa, S.N.I., 1949, especialmente p. 17.

<sup>22</sup> António Ferro, *A Política do Espírito e os Prémios literários do S.P.N.* Discurso pronunciado em 21 de Fevereiro de 1935, Lisboa. S.P.N., s.d. [1935], pp. 29-30.

personalidade complexa, mas de valor indiscutível, de Antero. Como exemplo significativo dessa acção cite-se, antes de mais, a obra Antero de Quental, selecção de textos e prefácio de José Calvet de Magalhães, publicada na colecção "*Idearium. Antologia do Pensamento Português*", em 1948.

Fundamentalmente o que pretende relevar Calvet de Magalhães, quer no estudo sobre o pensamento de Antero, quer nos textos anteriores seleccionados, é que o escritor defende vivamente uma "filosofia espiritualista" e a ideia de uma "revolução moral".<sup>23</sup> Portanto, o que se salienta em Antero em nada colidia com as estruturas ideológicas do Estado Novo. Outros, porém, escreverão sobre Antero, chegando ao cúmulo de o colar ao pensamento da "Revolução Nacional".

Se o não fez Luiz Teixeira, o jornalista que escreveu uma das raras obras de divulgação sobre a vida de Salazar<sup>24</sup> e que em 1942 redigiu uma série de artigos no Diário de Notícias acerca da biografia de Antero de Quental, que depois deram origem a um opúsculo<sup>25</sup>, tal sucede numa colecção bem significativa, os "Cadernos do Quadragésimo Ano", que celebravam os quarenta anos da "Revolução Nacional". O texto é da autoria de João Afonso e o título é um verdadeiro programa: *Antero de Quental e o pensamento da Revolução Nacional*.

Acima de tudo o que autor pretende figurar é um Antero de Quental devotado à ideia de "salvar Portugal", através de uma "Revolução Nacional". Todo o texto procura aproximar essa "ideia anterior", de uma revolução nacionalista e ética, da ideia que assoma em 1926 e daquela que foi depois corporizada por Salazar. Não eram precisas palavras expressas, mas elas também lá estão: "A Nação estava, efectivamente, doente. O diagnóstico que Antero apontou e

---

<sup>23</sup> Cfr. *Antero de Quental*, Lisboa, Edições SNI, 1948, sobretudo pp. 9-10.

<sup>24</sup> *Perfil de Salazar. Elementos para a história da sua vida e da sua época*, Lisboa, Edição do autor, 1938.

<sup>25</sup> *Vida de Antero de Quental*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1942. O texto foi publicado no Diário de Notícias, de 18.4.1942, com o título "No Centenário do Poeta. Alguns factos da sua vida".

que seria reafirmado, trinta anos depois, em plena Sala do Risco, veio a indicar qual o tratamento a aplicar: «o momento da acção» chegava em 1926".<sup>26</sup>

É o "texto de regime" mais significativo, ainda que outros, com as suas sugestões, façam eco das ideias-força do Estado salazarista. O "perigo comunista", o "perigo russo", era, como se sabe, uma dessas ideias. Também ela foi entrevista em Antero, como, naturalmente, em António Sardinha — o eixo Sardinha-Antero da concepção "integralista" ou "neo-integralista" voltava sempre ao de cima. A revista *Panorama*, do S.N.I. publicou em 1960 um ensaio do anteroanista Galvão de Carvalho onde apareceram essas imagens salazaristas esbatidas nas sugestões dos "precursores".<sup>27</sup>

7. E como é que Antero foi ensinado na Escola durante o Estado Novo? É difícil sabê-lo, porque não dispomos para isso se não de uma única fonte segura — os programas. Fora disso, apenas existem os manuais. Mas, se as "selectas literárias" do 3º, 4º e 5º anos (equivalentes, *grosso modo*, aos actuais 7º, 8º e 9º anos) eram frequentemente ou obrigatoriamente usadas na cadeira de Português, já o mesmo não sucedia com os manuais de "História da Literatura" para os 6º e 7º anos (hoje sensivelmente correspondentes ao 10º e 11º anos), dado que não se utilizava um "livro único", tendo-se usado ao longo dos anos e ao mesmo tempo vários compêndios, quando não se estudava pelos apontamentos tirados na aula. O ensino dependia, pois, em grande parte, do professor e da sua orientação.

De qualquer modo, os programas e os referidas "selectas" dão-nos algumas indicações significativas. Quanto ao ensino do ciclo do 3º ano ao 5º ano não há indicações sobre Antero nos programas do ensino liceal do Estado Novo, que foram tendo várias versões. Mas,

---

<sup>26</sup> *Antero de Quental e o pensamento da Revolução Nacional*, Lisboa, Cadernos do Quadragésimo Ano, 1967, p. 19.

<sup>27</sup> Ruy Galvão de Carvalho, "Antero de Quental e António Sardinha profetas do perigo eslavo", in *Panorama. Revista Portuguesa de Arte e Turismo*, nº 20, III série, Dez. 1960.

nas "selectas literárias" é, na verdade, comum encontrarmos alguns dos seus mais conhecidos sonetos de sentido religioso. Os sonetos "À virgem Santíssima" e "Na Mão de Deus" e outros de sabor espiritualista, são, obviamente, os mais vulgares.<sup>28</sup>

Quanto aos programas do 6º e 7º anos, isto é, ao então chamado "curso complementar dos liceus", tem interesse captar o sentido da orientação de ensino. Nos programas de 1936 e de 1948<sup>29</sup>, este que se prolongou pelas décadas seguintes, é curta a referência a Antero: "a dissidência de Coimbra e as conferências do Casino. Antero de Quental". Mas é mais explícito o texto de orientação para os professores, que consta nas "Observações" ao programa.

Tendo a cadeira de Português desse ciclo como um dos objectivos "arraigar no espírito e no coração dos alunos sentimentos elevados de civismo e de amor da Pátria" — como se diz no programa de 48, ideia que curiosamente era mais atenuada no de 36 — o ensino de Antero de Quental mereceu cuidados especiais por parte dos legisladores. No programa de 1936 pode ler-se este texto esclarecedor: "Quanto à personalidade de Antero de Quental, não é ela para ser estudada neste curso; limite-se a leitura a alguns sonetos e comentário a uma ideia, embora imprecisa, da tormentosa vida mental do poeta e do significado da sua arte, procurando interessar algum aluno por estudos mais completos a fazer ulteriormente".<sup>30</sup> No programa de 48 parecem ser, curiosamente, ainda maiores os cuidados do Ministério da Educação, responsável oficial pelo ensino: "O

---

<sup>28</sup> Vide, por ex., Bernardo Gonçalves Neto e Adriano Nunes de Almeida, *Língua Portuguesa. Selecta Literária para o 4º e 5º ano*, Porto, Livraria Aviz, s.d. Vide também as várias edições da *Selecta Literária* de José Pereira Tavares, "aprovada oficialmente" nos anos 30, 40 e 50, onde se seleccionam várias poesias de cunho espiritualista.

<sup>29</sup> Cfr. *Ensino Liceal. Reforma dos estudos e respectivos programas. Decreto-lei n.º.27.084 e decreto n.º.27.085 de 14 de Outubro de 1936...*, 9ª edição, Lisboa, Imprensa Nacional, 1946, e *Programas das disciplinas do Ensino Liceal. Decreto n.º.37.112 de 22 de Outubro de 1948*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1948. Veja-se particularmente a parte referente à disciplina de Português.

<sup>30</sup> Ed. do Programa de 1936 cit., p. 136.

drama espiritual de Antero dificilmente poderá ter ressonância condigna em rapazes de limitada experiência afectiva, intelectual e artística, como é de supor nos 16 anos dos finalistas liceais. Limite-se o professor a acompanhar a leitura de sonetos, escolhidos e comentados um por um, que dêem aos alunos ideia apreciável das ansiedades de um espírito sincero e nobre, rico de finas sensibilidades, enamorado de ideias generosas de justiça e humanidade, inclinado todavia à mística especulativa, e parecendo eternamente desesperado de encontrar o farol que procurava para lhe iluminar as trevas que lhe barravam os caminhos".<sup>31</sup>

Como se vê, num período já de fechamento do regime, após a frustrada abertura do pós-guerra, parecem aumentar as preocupações perante uma grande figura das letras nacionais, mas que era possível de gerar "alguns perigos" para a juventude. As preocupações são maiores do que em 36, ano fundamental para a institucionalização do Estado Novo e em que o Ministério da Instrução Pública — nome demoliberal — se transforma em Ministério da Educação Nacional, adoptando uma estruturação de ressonância fascista.

8. Finalmente, para melhor entendermos a estratégia do Estado Novo relativamente a Antero de Quental e à memória que se procurava veicular ou que se permitia que fosse divulgada, façamos uma rápida observação ao que se passou durante o centenário do seu nascimento, em 1942, momento importante em termos de reprodução ideológica do regime.

O que se verifica é o encontro de várias tendências e de várias ideologias interpretativas, ainda que o regime procurasse, obviamente, dominar esse movimento comemorativo, conferindo grande importância oficial às suas comemorações. Basta ler os jornais do tempo para se encontrar um noticiário variado, por vezes acompanhado de alguns comentários esclarecedores.<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> Ed. do Programa de 1948 cit., p. 36.

<sup>32</sup> As notícias podem ser respigadas nos jornais de Abril de 1942 (Antero nascera em Ponta Delgada em 18 de Abril de 1842), nomeadamente nos



Com efeito, os periódicos não se limitam muitas vezes, sobretudo os mais marcados ideologicamente, a um mero registo de acontecimentos. Também tecem reflexões reveladoras das tendências interpretativas em relação ao poeta. O mais interessante neste aspecto detecta-se na leitura dos jornais ligados à área católica e ao regime, como são os casos do *Novidades* e de *A Voz*.

Num artigo de fundo de *A Voz*, "A Lição de Antero", assinado por Deniz da Luz<sup>33</sup>, surgem no fundo duas lições, que se podem sintetizar em dois passos fundamentais do discurso. Vejamos a primeira, que se radica na tradição interpretativa de Sardinha: "O moço revolucionário demoliu muita coisa respeitável, à frente de uma impetuosa corrente juvenil, encadeada por falsos esplendores. Não falta, porém, quem nele descortine, por entre os erros e excessos que cometeu uma autêntica mentalidade de precursor na época, e um defensor dos interesses da nação, pessimamente servida". O segundo passo reflecte melhor a ideia da luta entre o "mal" e o "bem" em Antero, de onde se extrai um outro ensinamento fundamental: "Depois a lição de Antero é preciosa. A sua vida ensina-nos aonde leva o abandono da fé, a falta de directrizes espirituais e o pessimismo. E a sua obra traduz uma ânsia de realização do bem, como o entendia; e afirma a constante inquietude do seu espírito. Antero não era cristão, na integridade da fé sequer, mas a 'voz interior' que nele afirmava o bem parecia ser cristã".

No jornal católico *Novidades*<sup>34</sup>, nos artigos do centenário, aparecem, sobretudo, sugestões acerca da sua espiritualidade e do repúdio dos seus erros. Daí que na folha "Letras e Artes", que era dirigida por Moreira das Neves, se encontre uma imagem disso bem sintomática. Trata-se de uma foto em que é retratado um rochedo abrupto sobre o mar e um sol poente, com a seguinte legenda: "Toda a vida de Antero foi um mar misterioso, sob a luz do sol poente e com

---

periódicos que tinham, por assim dizer, um certo carácter oficioso, ou seja, o *Diário da Manhã* e o *Diário de Notícias*.

<sup>33</sup> *A Voz*, 18.4.1942.

<sup>34</sup> *Novidades*, 18.4.1942.

a cruz sobre um rochedo". A questão da morte, e da vida, de Antero de Quental preocupou especialmente os católicos, como já vimos. Eles não podiam, apesar de tudo, esquecer os seus "desvarios", embora o considerassem, como era comum, um dos "maiores poetas de todos os tempos". Por isso o editorial concluía: "Apreciemo-lo como poeta e pensador; mas deploremo-lo como homem — pelo muito que sofreu e pelo mal que fez, no campo das ideias, à sociedade portuguesa". Antero é uma grande figura nacional, mas é também o "pecador", o "corruptor social".

9. As comemorações de Coimbra — onde Antero havia estudado e onde tinha manifestado toda a força da sua personalidade revolucionária, nas áreas literária, política e universitária — constituem uma espécie de síntese do que então se passou no país. Por isso a elas vamos dedicar o espaço final desta conferência.

Era presidente da Associação Académica, em período de comissões administrativas nomeadas pelo governo, e da sua confiança, o estudante de Direito João de Matos Antunes Varela, que virá a ser uma figura fundamental do regime, ocupando durante quase 13 anos, praticamente sucessivos, o cargo de Ministro da Justiça (1954-1967). Uma direcção deste tipo levaria a efeito, naturalmente, uma celebração integrada no "sistema", embora abrindo-se — como era usual do próprio "sistema" — a algumas personalidades que o não representavam.

O jornal *Via Latina*, órgão da A.A.C., espelha e corporiza este tipo de homenagem centenária de modo claro<sup>35</sup>. É autor do editorial uma figura da intelectualidade oficial, o presidente de Academia das Ciências, Júlio Dantas. Escreve ainda artigos para o jornal, entre outros, Ruy Galvão de Carvalho, conhecido anterianista de ideologia "tradicional", e publica uma poesia inédita o conhecido poeta católico

---

<sup>35</sup> Vide sobre o que adiante se refere *Via Latina*, Ano II, nº 10, 30.4.1942. Trata-se de um número especial, integralmente dedicado — como se diz no Editorial — às "Comemorações do 1º Centenário de Antero de Quental, realizadas pela Academia de Coimbra".

António Correia de Oliveira. O seu poema tem o significativo título "Antero e o seu Soneto à Virgem".

A descrição das "festas comemorativas", a presença de certas personalidades e o tom dos seus discursos ou das conferências proferidas são reveladores do espírito centenarista que caracterizou esta homenagem.

No primeiro dia, 16 de Abril de 1942, foi descerrada uma lápide, nos Palácios Confusos, numa das casas em que morou Antero enquanto estudante. Falaram nessa cerimónia, que terminou com o Hino Nacional, entoado pelo Orfeon Académico, Manuel Dias da Fonseca, representante da direcção da Associação Académica, o Dr. Abel Mendonça, pela Câmara Municipal, e o Doutor Maximino Correia, Vice-Reitor e Reitor interino da Universidade.

Detenhamo-nos em alguns passos significativos destes discursos, onde é evidente o presentismo da leitura de Antero.

O estudante Dias da Fonseca detectou, como era vulgar, as "qualidades" e os "defeitos" de Antero. Não os vamos registar, mas não poderemos deixar de transcrever o último passo do discurso, bem revelador da tendência oficial da Academia de então: "A Academia de Coimbra contudo não pode apontar Antero como exemplo, modelo e guia da juventude portuguesa; são hoje diferentes os quadros da vida, é outra a directriz que norteia a mocidade: a fé tradicional, o respeito pelos antepassados da nossa história, a manutenção das instituições e costumes do povo português, são factores da vida nacional que temos, não só que conservar, mas, mais do que isso, que estimular a aumentar. A experiência liberal e a tentativa de igualdade, não frutificaram entre nós; os seus resultados foram, antes, desastrosos; consequentemente temos que atender, sobretudo, à tradição portuguesa. Em vez do internacionalismo, a juventude quer a sua pátria cada vez mais alta; por ela se baterá até à morte, se necessário for. A Pátria enche os corações da mocidade de hoje, que, acima dela, só vê Deus. A juventude precisa de um ideal forte, que a oriente, doutro modo debater-se-á angustiosamente, chegando por vezes, a aniquilar a própria vida, tal como aconteceu a Antero, que, por isso,

não pode ser apontado como guia da mocidade". Assim, a saudação a Antero não ia para o "político e revolucionário", mas sim para o "grande Poeta e Filósofo da Literatura Portuguesa".

Pouco mais restará analisar nos discursos desta primeira sessão comemorativa. Quando um estudante emite esta profissão de fé, de um idealismo voluntarista de tipo nacionalista, logo nos situamos no espírito da corrente dominante que marcou o centenário de Coimbra. O testemunho de Abel Mendonça, um intelectual tradicionalista, ia necessariamente em sentido idêntico, se bem que o seu discurso se compraza na interpretação directa de Antero e não tanto em observações presentistas. No entanto, Antero era também para ele o intelectual "enraizado nas virtudes ancestrais do Portugal católico, o Portugal eterno" que se deixou seduzir pela Razão — "A desgraça indizível de Antero foi ter-se acolhido à sombra da Colina Sagrada sob o signo de Kant". A "lição de Antero" é que não é possível a Razão sem Deus. "A harmonia e o equilíbrio perfeito da nossa existência escrevia o Dr. Abel Mendonça — corre um perigo mortal se perde contacto com a verdade eterna, que por grande bênção de Deus, afeiçoou a alma lusíada".

O discurso de Maximino Correia é também significativo. O Vice-Reitor seleccionou, no contexto duma visão tradicional do país e de Coimbra, a ideia queirosiana da "santidade" de Antero. Portugal é um oásis num mundo conturbado e por isso pode celebrar o símbolo que constituiu Antero de Quental. Eis um passo da alocução do Reitor em exercício: "E é neste mundo, abalado até aos seus fundamentos sociais, dilacerado e revolvido até às entranhas, no mar, na terra e no céu, que Portugal, por mercê de Deus e de quem o governa, amargurado por não lhe serem indiferentes tantos horrores, mas de alma tranquila e confiante, se levanta para celebrar o primado do espírito, o génio da Ideia, os sentimentos da Beleza e da Bondade, consubstanciados no Homem que foi Antero de Quental". Assim, ficava para trás o "socialista arrebatado", o "iberista", o "irreverente" da Sociedade do Raio e homenageava-se "o homem coerente e justo, corajoso e honrado, leal e bom...", numa palavra "o Santo Antero".

É esta ideia das virtudes de Antero que foi, de resto, retomada pelo Presidente da A.A.C. ao apresentar no Salão Nobre a conferência do seu colega açoriano, finalista da Faculdade de Letras, Manuel de Sousa Oliveira, que falou sobre o poeta, na noite do mesmo dia da homenagem nos Palácios Confusos. Aqui é sobretudo o "espírito científico" que vem ao de cima numa análise que procura ser objectiva.

E a mesma "objectividade científica", embora marcada pela concepção católica, aparece na conferência de Álvaro Júlio da Costa Pimpão, realizada no Salão Nobre da Faculdade de Letras<sup>36</sup>, onde aquele era professor, no segundo dia dos festejos comemorativos, 17 de Abril. Costa Pimpão analisa a questão fundamental da cronologia dos sonetos, não para afirmar, como o fez a corrente católica oficial, o cristianismo de Antero, mas sim para o negar, como curiosamente o fez, com outros intuitos, a corrente laicista, de que Sílvio Lima, em polémica com Gonçalves Cerejeira, foi exemplo. "Negando a fé ao escólio do filósofo (conclui Costa Pimpão, homem de formação católica e tradicionalista) eu não tive a intenção de desrespeitar a sua memória nesta noite consagrada ao Poeta. Pelo contrário: foi o respeito do Poeta — e da dor — que me levou a sugerir [...] que a sua grandeza está justamente em ter negado o filósofo; em ter ousado afirmar, contra todas as filosofias, a existência de um conflito insanável para toda a alma portadora de Cristo (e é-se portador de Cristo pelo baptismo...) que teima em procurar d'Ele a solução de seu próprio destino. Na dolorosa, na trágica confissão desta verdade, se resume, a meu ver, a mensagem do Poeta".

O terceiro e último dia do centenário foi o dia de gala — em 18 de Abril realizou-se a "sessão solene" na Sala dos Capelos, onde Antero tomara posição de luta contra o então reitor Basílio Alberto de Sousa Pinto, símbolo do conservadorismo universitário. Aliás, tal facto justificou um discurso de concepção "paternalista", ou "maternalista", da Universidade, por parte de Maximino Correia, que encerrou a sessão — a Universidade como "Mãe magnânima que esquece

---

<sup>36</sup> A conferência foi também publicada na revista *Biblos*, vol. XVIII, t.I.

facilmente as travessuras dos filhos", isto é, as "irreverências de Antero".

Não conhecemos o discurso de abertura de Antunes Varela, que falou para um auditório em que estavam presentes as autoridades e o presidente da Assembleia Nacional, José Alberto dos Reis, bem como professores e estudantes, " todos de capa e batina". Apenas conhecemos, pela *Via Latina*, que estamos a analisar, uma breve notícia, que tem como ponto saliente o que se segue: "Referiu-se a Salazar, evocando um verso de Fernando Pessoa para exaltar Portugal, e terminou o seu discurso fazendo uma evocação a Antero". Mas os convidados a proferir lições nesta sessão não se identificavam com o regime — eram ambos professores universitários especialistas de história da cultura portuguesa, Hernâni Cidade, da Faculdade de Letras de Lisboa, e Joaquim de Carvalho, da Faculdade de Letras de Coimbra.

Ambos terão fugido à polémica, mas revelaram as imagens fundamentais de uma interpretação "objectiva" — ainda que intencionalmente em discurso leve e informal — mas "laica", que se afastava das leituras tradicionalistas, normalmente expendidas neste centenário de Coimbra. Hernâni Cidade apresenta Antero como o "espírito da cultura", como o poeta que (para utilizar uma ideia de Rimbaud) rouba o "fogo sagrado", para assim concluir: "Tanto importa que no-lo traga dos abismos inferiores, através da treva subterrânea, como do céu, através dos espaços constelados". Quanto a Joaquim de Carvalho apresenta o Antero multiforme, quase desdobrado em vários perfis ao longo do tempo (o "homem novo", o "desesperado" o "sages"), mas sobretudo o Antero "homem" e que "só com os homens aprendera alguma coisa", o Antero que "conheceu, como raros escritores portugueses, o homem e a realidade humana". "Filósofo da liberdade" — eis a imagem-base que procura apresentar aos estudantes, a quem expressamente se dirige no final do discurso.

Duas imagens "laicas" — a de uma cultura amoral e a de um humanismo social. Curiosamente, a celebração de Coimbra terminou com estas leituras relativamente "heterodoxas" de Antero. Na verdade, este Centenário de 1942, embora marcado pelo "regime", teve "fugas"

à linha por ele consagrada. Em Coimbra e noutros lugares. A Cidadela do Estado Novo teve as suas vulnerabilidades ou criou-as, pois elas não deixavam de ser importantes para a sua imagem, desde que não ofendessem essencialmente a solidez das suas muralhas.

10. É conhecida a afirmação polémica de Benedetto Croce de que a História é sempre "contemporânea"<sup>37</sup>. Repudiamos o presentismo historiográfico e para nós é uma evidência que a história é uma ciência (mesmo que se considere que "não é uma ciência como as outras", conforme dizia Jacques le Goff<sup>38</sup>). No entanto, parece-nos também indiscutível — como procurámos provar num livro recentemente publicado<sup>39</sup> — que existem sempre relações mais ou menos conscientes e mais ou menos significativas entre História e Ideologia. Por vezes é a própria ideologia a dominar a interpretação histórica. E tal verifica-se particularmente em certos conjunturas propícias aos debates ideológicos ou quando se instalam determinados "sistemas", produtores do que poderemos chamar, para utilizar uma expressão consagrada de Marc Ferro, uma "história institucional".<sup>40</sup> Por outro lado, as interpretações ideológicas são mais evidentes quando se analisam realidades históricas "fortes", que mais naturalmente suscitam sentimentos de "simpatia" ou de "antipatia". Tal sucede com as grandes "figuras nacionais", entre as quais podemos incluir os mais importantes escritores. É vulgar que haja tendência para neles descobrir "contemporaneidades" e que sejam adaptados ao património cultural das várias correntes de opinião. Foi isso que sucedeu com Antero de Quental.

Tentámos analisar um certo tipo ou tipos de interpretação com características comuns. Sondámos, pois, o que considerámos,

---

<sup>37</sup>*La Storia come pensiero e come azione*, ed. de 1938, p. 5.

<sup>38</sup>"História", in *Enciclopédia 1. Memória-História*, ed. portuguesa, Enaudi--Imprensa Nacional, Lisboa, 1984, p. 158.

<sup>39</sup>*História e Ideologia*, Coimbra, Minerva, 1989.

<sup>40</sup>*Histoire sous surveillance. Science et conscience de l'Histoire*, Paris, Calmann- Lévy, 1985.



**casadesarmento**

centro de estudos do património

utilizando uma terminologia abrangente e discutível, a leitura "integralista" de Antero. Outras leituras onde as ideologias têm uma presença importante poderiam ter sido estudadas. Esta inflexão analítica não nos deve, porém, afastar do estudo, por assim dizer "científico" de Antero de Quental, mesmo que saibamos que toda a análise científica não existe acima da Ideologia, como se a Ciência pudesse alguma vez ser considerada uma quinta essência.